

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUFRJ

www.sintufrj.org.br

FASUBRA Associação CUT

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

Seminário preparatório para a CONAE

Toda a categoria está convidada a participar, nesta terça-feira, 1º de setembro, a partir das 10h, do 2º Seminário do SINTUFRJ Preparatório para a Conferência Nacional de Educação 2010 (Conae). O evento foi organizado pela Coordenação de Educação, Cultura e Formação Sindical. Será na subsede no HU - Cidade Universitária.

O seminário discutirá as propostas aprovadas no GT-Educação da Fasubra para a Conae, que tem como principal tarefa elaborar o Plano Nacional de Educação para o país. Palestrantes: diretora da Faculdade de Educação e representante da UFRJ na comissão organizadora da Conae, Ana Maria Monteiro; representante da categoria no CEG, Ana Maria Ribeiro; e dirigente do SINTUFRJ e representante da Fasubra na comissão organizadora da Conae, Roberto Gomes.



Carpinteiros e marceneiros

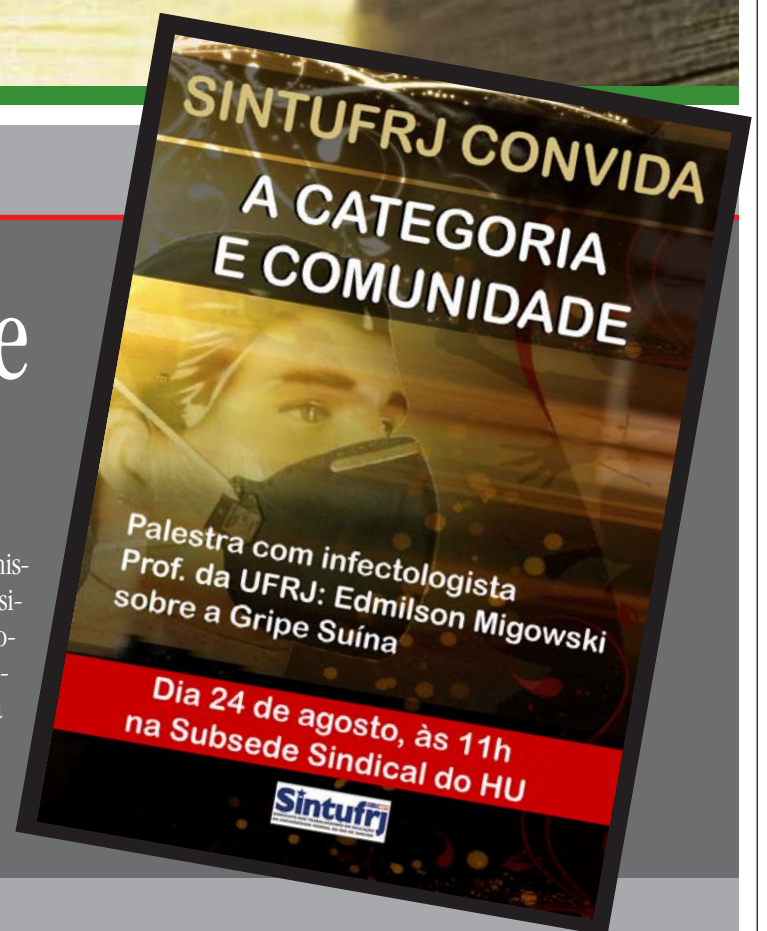
Fazem reunião nesta quarta-feira, dia 26 de agosto, às 10h, na sala 810 do prédio da Reitoria (na PR-4). Pauta: cobrar da Codep a realização de cursos de capacitação.

Aposentados

Reunião dia 26, quarta-feira, às 10h, na subsede sindical no HU.

Palestra sobre gripe suína

O SINTUFRJ convida os técnicos-administrativos em educação e a comunidade universitária em geral para a palestra com o infectologista e professor da UFRJ, Edimilson Migowski, sobre o vírus influenza A (H1N1), nesta segunda-feira, dia 24 de agosto, às 11h, na subsede sindical no HU.



DOIS PONTOS

Copa Fasubra Zumbi dos Palmares

Foto: Cicero Rabello

A reunião da comissão organizadora do evento, na segunda-feira, 17 de agosto, na subseção sindical no HU, depois de consultar a Coordenação de Políticas Sociais da Fasubra, deliberou por estender até esta terça-feira, 25, o prazo para as entidades sindicais responderem à consulta sobre se participarão do torneio e aprovou a minuta do regulamento. No dia 26, às 9h30, a comissão se reúne no Sintuff para levantamento final das equipes que irão à Copa, aprovar

a logomarca e definir as tabelas dos jogos.

Sobre as reuniões agendadas para os dias 24 e 25 de setembro, a comissão organizadora do evento e a Coordenação de Políticas Sociais da Federação irão providenciar um local que seja central para todos, e também a hospedagem.

Participaram da reunião do dia 17 de agosto as entidades: Sintuff, Rural, UniRio e o SINTUFRJ com os coordenadores de Esporte e militantes de base.



COORDENADORES DE ESPORTE E LAZER DO SINTUFRJ: Ivanir Valentim Santório, Rubens de Moraes Nascimento e Edmilson Gomes

Curso sobre GFIP SEFIP e Retenções Previdenciárias

A iniciativa é da Divisão de Documentação Fiscal (SG-6), com objetivo de sanar as dúvidas sobre o tema. Inscrição na página da SG-6, na Divisão ou através do ramal 9656. O curso ocorrerá de 16 a 18 de setembro, das 9h às 17h, no Auditório Othon Henry Leonardos (CCMN), bloco J, sala J1-04. Público-alvo: novos profissionais responsáveis pelas transmissões das informações aos órgãos fiscalizadores e arrecadadores e os profissionais já envolvidos com a declaração GFIP, a título de atualização e reciclagem.

Inscrições ao Colégio de Aplicação

O CAP-UFRJ abre inscrições para admissão de novos alunos em 2010 de 8 a 18 de setembro, das 8h às 16h. Endereço: Rua J.J. Seabra s/nº - Lagoa. Endereço na internet: www.cap.ufrj.br

Vagas oferecidas

Ensino fundamental em 9 anos: 1º ano, 3º ano e 6º ano. Ensino médio: 1ª série e 2ª série.

Parabéns!

“Aos técnicos-administrativos em educação da Faculdade de Odontologia, que ingressaram na UFRJ em 1989, pelos 20 anos de serviços prestados à instituição. Nosso agradecimento ao professor Roberto Vianna, diretor da unidade à época, ao ex-reitor Horácio Macedo e aos funcionários mais antigos pelos ensinamentos do serviço”.

A homenagem foi uma iniciativa dos seguintes companheiros de trabalho: Celso Júnior, representante dos técnicos-administrativos na Congregação da Odontologia; Marcos Aurélio Hilário, Maria de Fátima Devesa, Robson C. Azevedo e Arminda Mendes Soares, da Comissão de Festas da Odontologia.

AGENDA >>>

IV Fórum Nacional das CIS

De 2 a 4 de setembro, na UnB, será realizado o IV Fórum Nacional das Comissões Internas de Supervisão do PCC-TAE, na qual serão debatidos os principais temas relacionados à Carreira dos técnicos-administrativos das Ifes. As CIS internas de todas as instituições participarão do evento.

Reunião do SINTUFRJ

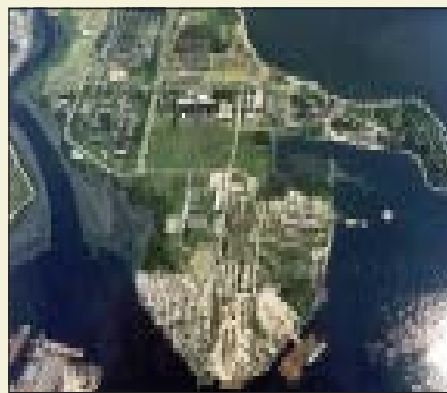
A diretoria executiva da entidade reúne-se às segundas-feiras, às 13h, na subseção sindical no HU. Qualquer associado à entidade pode participar.

III Seminário Internacional Margem Esquerda: István Mészáros e os desafios do tempo histórico

Discípulo do também húngaro Georg Lukács, Mészáros é considerado um dos maiores pensadores marxistas da atualidade. Sua obra é fundamental para o entendimento do sistema do capital, bem como de sua crise estrutural e da sua necessidade de superação. Alguns dos mais importantes intelectuais do Brasil e do exterior ajudam a construir sua trajetória de reflexão e de lutas, sob o legado marxista. Esperamos que o se-

Nota de falecimento

Com pesar informamos o falecimento do funcionário da Subprefeitura da Praia Vermelha, Antonio José Malaquias (o Irmão), ocorrida no dia 23 de julho.



Plano Diretor da UFRJ

Quarta-feira, 26, o Comitê Técnico do Plano Diretor realiza a oficina temática “Cidade Saudável e Esportiva”, às 10h, no auditório Hélio Fraga (CCS). A reunião da oficina temática “Cidade Acessível” foi transferida para o dia 3 de setembro, em local ainda não definido.

Ciência em Foco exhibe Teorema

O cineclube da Casa da Ciência exibirá no sábado, dia 5 de setembro, às 16h, o filme *Teorema*, de Pier Paolo Pasolini, de 1968. Após a projeção a doutora em Filosofia da Ciência e professora do Instituto de Matemática da UFRJ, Tatiana Roque, apresentará a palestra “Teorema x Problema: Uma Tensão Fundamental”. Tatiana irá discutir a potência dos problemas como motores do conhecimento. As sessões do cineclube são realizadas todo primeiro sábado do mês. Endereço: Rua Lauro Muller, 3, Botafogo. Entrada franca.

Programação na UFRJ:

■ Quarta-feira, 26 de agosto, às 17h30 – “Perspectivas do Socialismo Hoje” com Carlos Nelson Coutinho, Jorge Giordani (Ministro do Desenvolvimento da Venezuela) e José Paulo Netto.
19h30 – Conferência “A Necessária reconstituição da Dialética Histórica” István Mészáros (precedida por um solo de Bach em viola, por Susie Mészáros). Lançamento do livro *Estrutura Social e Formas de Consciência. A determinação social do método*, de István Mészáros.

“Que a Vida Espere”

É o título do romance policial recém lançado de autoria do técnico-administrativo em educação da UFRJ Paulo Roberto de Almeida Felix. O texto de

apresentação do livro e as seis primeiras páginas para leitura estão disponíveis no endereço: <http://www.clubedeautores.com.br>.

CATEGORIA

Vigilantes reivindicam adicional de risco

Fasubra pressiona o Senado para aprovar projeto de lei que garante o benefício aos servidores

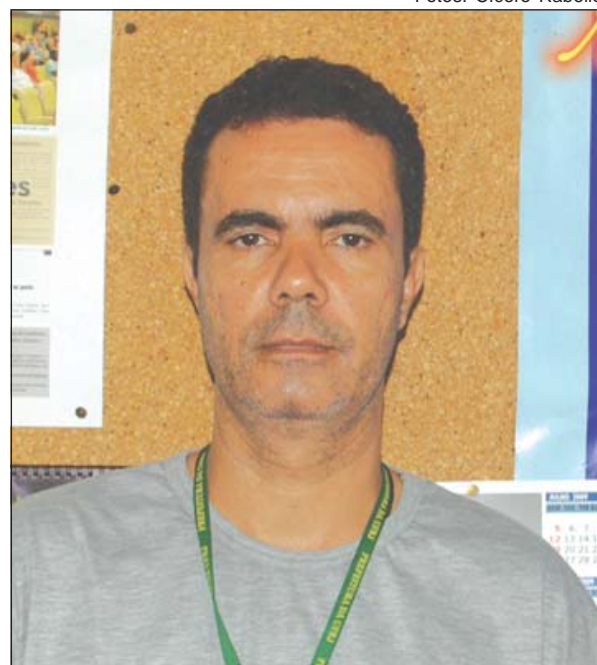
Fotos: Cicero Rabello



ROBERTO GOMES



LÉIA DE SOUZA



JUSCELINO RIBEIRO

O direito ao adicional por risco de vida para os vigilantes das Ifes pode estar próximo de ser reconhecido, pelo menos no que depender da Fasubra e de dezenas de militantes de base de diversas universidades do país que encheram as salas do Senado Federal, no dia 12 de agosto, na audiência pública realizada na Comissão de Educação, Cultura e Esporte sobre o projeto de lei que tramita na Casa.

Os trabalhadores se reuniram em Brasília num movimento nacional pelo reconhecimento do papel dos vigilantes das universidades, por melhores condições de tra-

balho e concursos públicos para o cargo. Nos dias 10, 11 e 12 participaram do Grupo de Trabalho (GT) de Segurança da Fasubra que, além de preparar as intervenções para a audiência pública, iniciou a construção do Projeto de Segurança nas Universidades Brasileiras.

Projeto de lei

O autor do Projeto de Lei nº 179/2008 que trata do adicional, senador Sérgio Zambiasi (PTB), abriu a audiência pública explicando sobre o projeto. Compuseram a mesa a coordenadora da Fasubra, Léia de Souza Oliveira e

Mozart Simões da Costa, representando o GT-Segurança da UFGS.

A coordenadora da Fasubra explicou as peculiaridades da atividade dos vigilantes das Ifes e sua importância estratégica na segurança das comunidades universitárias. Léia lembrou que as universidades são instituições estratégicas para o desenvolvimento e para a defesa da soberania do país. E demarcou a importância do desenvolvimento das atividades de vigilância por trabalhadores do quadro regular, alertou que o cargo de vigilante está em risco por falta de realização de concurso público, e expôs como é a

atuação cotidiana dos vigilantes nas universidades: “atuam de forma preventiva e repressiva, mas tendo como premissa a compreensão pedagógica e educativa do seu fazer no trato com a comunidade”.

Léia pediu o apoio dos senadores na luta pela abertura de concurso público para repor as vagas de vigilantes nas universidades, dando destaque à exigência do TCU de substituição da terceirização, ao alto custo financeiro e social que representam os terceirizados no ambiente universitário.

Mozart Simões detalhou o trabalho que é realizado pelas vigi-

lâncias, as atribuições do cargo e noticiou as mortes de companheiros vigilantes no cumprimento de suas obrigações.

Os senadores manifestaram posição unânime favorável ao projeto de lei ao afirmarem que a concessão do adicional por atividade de risco de vida é uma questão de justiça. Zambiasi destacou a importância das palestras de Léia e Mozart para a compreensão dos parlamentares a respeito da atuação dos vigilantes, em todas as áreas da universidade: ensino, pesquisa e extensão, bem como a importância estratégica dessas áreas.

Manifesto da Fasubra

O PLS 179/08 prevê que os vigilantes das universidades federais e de pesquisa científica e tecnológica podem ter direito a um adicional por atividade de risco, cumulativo com as demais vantagens recebidas. O benefício deverá ser fixado entre 50% e 100% do vencimento básico e será integrado às aposentadorias dos profissionais. Nesta semana o projeto será enviado para a Comissão de Constituição e Justiça e logo após para a Comissão de Assuntos Sociais.

A Fasubra entregou aos senadores um manifesto de solicitação de apoio parlamentar ao projeto de lei dos vigilantes e também ao projeto de lei número 173 (além do de número 179), que amplia o direito para todos os cargos que desenvolvem atividades de risco de vida. “Clamamos por reconhecimento ao nosso papel na universidade, concedendo um tratamento isonômico e justo para a categoria, esten-

dendo benefícios e garantias já concedidos a outros setores do serviço público federal”, diz o documento.

Para Roberto Gomes, que apresentou o SINTUFRJ na audiência, de fato os senadores ficaram convencidos da necessidade da extensão da gratificação. “Os vigilantes do Judiciário já recebem e deve-se incluir também os vigilantes do Executivo. Agora os projetos vão para as duas comissões no Senado e tivemos notícias de que o apreciariam em conjunto para uma tramitação mais rápida. O movimento, portanto, foi bastante produtivo. Houve uma grande mobilização de vigilantes de todo o país. Mais de 100 trabalhadores ocuparam as salas do Senado onde aconteceu a audiência. E a atuação da Fasubra mostrou que não é um movimento de um grupo isolado. Ficamos convencidos de que a tramitação deve se dar com rapidez.”

Léia de Souza contou que sua intervenção tomou como base o propósito de dar visibilidade “aos

vigilantes que preservam o patrimônio das universidades, atuando em áreas de projetos de pesquisa às vezes estratégicos e até sigilosos do ponto de vista da soberania do país, com equipamentos caríssimos; atuando diretamente com estudantes, o que requer uma postura pedagógica e não repressiva e também nos projetos de extensão, quando as universidades aplicam o conhecimento na transformação do contexto social”.

Segundo Léia, o movimento reivindica a garantia de que todos os cargos com risco de vida tenham o direito ao adicional garantido em lei. “Uma cidade universitária, como o nome diz, é uma cidade que oferece muito mais risco do que uma repartição do poder público. Eu achei o saldo positivo porque conseguimos dar visibilidade a essa categoria e aos trabalhadores em geral nas universidades. Cumprimos nosso papel e vamos aguardar os desdobramentos”, concluiu a coordenadora.

Concurso público

O vigilante da UFRJ Juscelino Ribeiro de Souza, membro dos GTs local e nacional de Segurança, e Kátia Manoel da Conceição, também do GT local e coordenadora do seminário nacional de segurança, participaram do encontro da Fasubra nos dias 10, 11 e 12 de agosto. Juscelino foi um dos membros de uma comissão que participou da audiência que municiou o senador Zambiasi para a audiência.

Para ele, a intervenção de Léia foi “cirúrgica”, porque tocou em pontos nevrálgicos sobre a importância da vigilância no cenário de universidades federais. Quando se privatiza o serviço ele vai para as mãos de quem não tem vínculo com a instituição. Nós temos um compromisso vitalício com nosso trabalho. Isso aqui é minha vida. O profissional da universidade tem um outro perfil”, disse o vigilante, acrescentando que “a apresentação do projeto de

lei foi um passo muito importante porque até então os senadores estavam ‘boiando’ sobre o assunto. A audiência sensibilizou os senadores sobre a importância do projeto”.

Segundo Juscelino, a reivindicação de concursos levou à realização de uma audiência da Fasubra com o chefe da assessoria parlamentar do Ministério da Educação, Rodrigo Lamego, que ficou impressionado com a exposição da coordenadora da Fasubra e pediu mais dados para levar ao MEC. Mas, na avaliação do vigilante, quem deveria participar da audiência no Senado era a Andifes, a Associação Nacional dos Dirigentes das Ifes, porque o MEC é um órgão que recebe as demandas desta entidade para abertura de concurso.

Foi acordado que os GTs locais busquem audiências com os reitores para expor a posição do MEC e reivindicar que solicitem as vagas para concurso.

GRUPOS DE TRABALHO

GT-Carreira organiza seminário para setembro

Fotos: Cicero Rabello

Os integrantes do Grupo de Trabalho de Carreira do SINTUFRJ reuniram-se dia 18 de setembro para dar prosseguimento aos trabalhos. O GT discutiu a organização do seminário "Carreira, Saúde e Aposentadoria na Atualidade", marcado para os dias 8, 9 e 10 do próximo mês; aprovou a participação de 5 membros do GT, que também são da CIS na UFRJ, nos dois eventos de setembro: IV Fórum Nacional das CIS, de 2 a 4, e no GT-Carreira da Fasubra, dias 5 e 6.

O objetivo do seminário é situar a categoria sobre as propostas e projetos, inclusive de leis, que envolvem os temas e o debate no movimento sindical, na Fasubra e na UFRJ. Um exemplo são os problemas pendentes da nova lei que instituiu a carreira

dos técnicos-administrativos em educação. A concepção da carreira proposta pelo movimento não foi implantada na íntegra e isso gerou uma série de problemas.

Inclusive o GT recebeu a visita de servidores almoxarifes, que foram cobrar solução sobre o seu enquadramento na carreira. Mas, assim como eles, outros cargos têm problemas e os integrantes do GT procuraram dar as devidas explicações sobre a questão. O tema é complexo e demandou um bom tempo da reunião, provando a necessidade urgente do seminário.

Nesta semana haverá reunião entre a comissão organizadora e os coordenadores das respectivas pastas para finalizar a programação.



CONAE FOI PAUTA do GT, que também decidiu sobre a realização de seminário em setembro



GRUPO AVALIA o projeto de lei que está no Congresso Nacional

GT-Antirracismo continua debate sobre estatuto racial

Na reunião dia 19 de agosto o debate concentrou-se no Estatuto da Igualdade Racial — Projeto de Lei nº 6.264/2005, do senador Paulo Paim (PT-RS) —, que se encontra no Congresso Nacional para ser votado, e na convocação do GT da Fasubra marcado para os dias 22 e 23 de agosto.

Os integrantes do GT lamentaram o pouco interesse que a questão das cotas raciais e sociais desperta na UFRJ. Dentre os participantes, um dos que mais ativamente se manifestou foi um militante antigo: Clério Francisco Rosa. Ele disse das dificuldades para tratar do racismo no movimento sindical e até dentro da própria entidade sindical.

Resistência foi a palavra mais dita pelo grupo, e não à toa. "Este sempre foi e sempre será o nosso movimento. Resistir. Mas agora mais do que resistir é investir na educação para promover a consciência de que os negros têm lugar nesta sociedade e que não é nos subempregos. Nossa causa é histórica", declarou Clério. O militante, que está entusiasmado com a retomada do debate pelo SINTUFRJ, finalizou seu raciocínio: "A resistência tem que ser dada. Com igualdade de oportunidades vamos fazer diferença sim!"

Mas a discriminação, de acordo com o coordenador Carlos Pereira, não se limita aos negros. Ela atinge também os pobres e carentes. "Eu sou de uma comunidade carente. Moro na Maré. Quando temos de procurar emprego e dizemos que moramos lá, é humilhante! Como morador de comunidade carente, sempre sofri isso. Então estamos aqui para falar, opinar, sermos multiplicadores de ideais", afirmou.

Antonio Eduardo registrou que a realização do seminário já havia sido proposta na reunião anterior do GT. A coordenadora de Políticas Sociais, Carmem Lúcia, defendeu que a discussão sobre racismo tem que ser aprofundada na UFRJ. Francisco Carlos acrescentou que o debate sobre o tema deveria sensibilizar mais negros e negras e simpatizantes da causa, dentro da instituição.

Participaram também da reunião Jonhson Braz e Jorge Ignácio (direção sindical) e Aroldo de Jesus, Luiz Carlos Silva (base). Após o debate os escolhidos para o GT da Fasubra foram: Vera Lúcia, Carlos Pereira, Antonio Eduardo, Clério Francisco Rosa e Francisco Carlos.

EXTRAQUADROS

UFRJ ainda aguarda autorização para concurso

Enquanto isso, dezenas de profissionais dos HUs continuam sem vínculo empregatício

Por que a UFRJ está pagando os profissionais extraquadros dos HUs? Segundo o pró-reitor de Pessoal, Luiz Afonso Mariz, houve um termo de ajuste de conduta feito com o Ministério Público do Trabalho, através do qual a UFRJ absorveu, desde janeiro deste ano, os profissionais anteriormente contratados por cooperativas.

São cerca de 800 profissionais só no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. Sem eles, o atendimento na unidade de saúde é afetado.

Os extraquadros dos hospitais reivindicam regularização trabalhista. Atualmente eles trabalham sem nenhum vínculo: com empresas de terceirização ou com a universidade. Parte dos cargos em questão não pode ser terceirizado, porque estão previstos na carreira dos técnicos-administrativos em educação. Para estes, a regularização só pode ser feita com concurso público. Mas há entre eles os que são "terceirizáveis".

Ajuste de conduta

No dia 6 de agosto, a Pró-Reitoria de Pessoal participou de reunião na Procuradoria Regional Federal com representantes do Ministério Público do Trabalho para tratar da situação. A PR-4 informou que o pagamento dos extraquadros (que em alguns meses atrasou) está sendo feito dentro do possível, na primeira semana do mês.

A PR-4 informou também



MEC ignora situação dos profissionais dos HUs na UFRJ

que um dos pontos previstos no ajuste de conduta é a necessidade de realização de concurso público para absorver os trabalhadores cujos cargos constam da carreira da categoria, mas que não depende da UFRJ; precisa de autorização do Ministério da Educação. "Informamos que a Reitoria já encaminhou ofício ao MEC mostrando a necessidade de realização do concurso público", disse Luiz Afonso, acrescentando, porém, que até hoje não houve resposta.

Existe uma terceira exigência do ajuste que diz respeito aos trabalhadores cujos cargos podem ser terceirizados (os que não constam do Plano de Carreira, como copeiro, cozinheiro, taifeiro). Segundo o pró-reitor, a Superintendência de Serviços Gerais (SG-6) está realizando licitação para contratação de empresas de prestação de serviço. "A empresa contratará essas pessoas e a UFRJ pagará à empresa", explicou.

"Eu disse na Procuradoria Regional Federal que é interessante que nos provoquem para que possamos reiterar o pedido (de concurso) ao MEC. Eles vão mandar um documento para nós, apontando que ainda não conseguimos resolver essa

questão, que diz respeito à contratação definitiva dos cargos não terceirizáveis. Isso não pode ser feito pela universidade, mas por um sistema de concurso público simplificado como foi feito na Universidade Federal de Santa Catarina e na do Paraná", explicou o pró-reitor.

Até quando?

"A situação não é regular", concorda Luiz Afonso, "mas só pode ser resolvida com concurso público", reafirma. "A UFRJ continua pagando aos extraquadros única e simplesmente porque não temos autorização para o concurso público. O Ministério Público do Trabalho entendeu que os profissionais não podem ser colocados na rua, porque os hospitais parariam, e permitiu que a UFRJ pagasse seus salários até a realização do concurso. Mas esse pedaço da história não cabe à UFRJ (já que a autorização é do MEC). Não há nada escondido. Isso é muito difundido", esclareceu o pró-reitor de Pessoal, informando que os extraquadros recolhem INSS e imposto de renda.

MUSEU NACIONAL

Categoria elegerá representantes à Congregação

Foram oito anos sem exercer esse direito. Agora, os servidores elegerão três companheiros

O processo eleitoral para a escolha dos novos representantes técnico-administrativos em educação para a Congregação do Museu Nacional está em andamento. Nesta quarta-feira, 26 de agosto, às 13h30, no pátio central, ocorrerá a primeira reunião para definir regras, forma e datas. À categoria é garantido três no colegiado.

Os novos representantes serão escolhidos pelos trabalhadores do Museu depois de oito anos sem eleição. É mais uma vitória do SINTUFRJ na sua luta histórica em defesa do direito à participação dos técnicos-administrativos em educação nos órgãos e em outras instâncias de decisão na UFRJ. Embora a lei defina o percentual de 70% para docentes e 30% para os TAEs e estudantes, o Sindicato defende a paridade em todos os processos ou consultas eleitorais.

Democracia

O SINTUFRJ foi ao Museu em julho e ouviu dos trabalhadores a reivindicação pelo respeito à democracia na Congregação. Segundo os trabalhadores que se pronunciaram, não existia representação de fato e de direito no colegiado. Os TAEs participavam das reuniões apenas para referendar as decisões tomadas, sem di-

reito a voto. O SINTUFRJ chamou atenção para o desconhecimento do Estatuto da UFRJ e do próprio Regimento do Museu, e a partir daí iniciou a discussão da eleição.

O diretor do Museu, Sérgio Alex, comemora a iniciativa: “A participação de todos os representantes da comunidade universitária, não somente a dos funcio-

nários, é fundamental. É preciso que se tenha consciência de que fazer parte de uma Congregação é conhecer melhor o funcionamento da instituição e ajudar a contribuir para o seu crescimento. Isso repercute também nos locais de trabalho. E aqui no Museu não temos disputas internas ou corporativas. E que eu me lembre, isso

não acontece há muitos anos.”

Mas ele alerta que é preciso de fato participar e não apenas ser um representante “formal” no colegiado: “É comparecer. Procurar saber dos assuntos em pauta, propor. E este representante de fato da Congregação dependerá da escolha de sua categoria; o que existia não comparecia.”

Foto: Internet



TÉCNICOS-ADMINISTRATIVOS farão história no Museu Nacional ao recuperarem a disposição de participar da Congregação

CASO SÉRIO

Endividamento já é problema social na UFRJ

O primeiro passo, diz a ouvidora, é conscientizar em relação ao problema

A ouvidora-geral da UFRJ, Cristina Riche, afirma que o endividamento deixou de ser um problema financeiro para se tornar um problema social. Esta questão recebe atenção especial na universidade, e foi na Ouvidoria que o problema mostrou sua densidade. Um pedido sobre o levantamento do universo dos servidores envolvidos foi solicitado pelo SINTUFRJ à Reitoria.

Até a semana passada ainda não havia chegado à Ouvidoria a solicitação. Mas a ouvidora diz que a problemática ultrapassa estatísticas e tem que ser tratada de forma pedagógica, voltada para a construção da cidadania e do direito. “Os dramas são densos e o que vivenciamos é que as pessoas querem falar e ser ouvidas. O desespero é grande e esperam uma resposta para a solução de seus problemas. O nosso trabalho é mitigar estes problemas, a maioria ligada ao déficit de cidadania.”

Conscientização

Segundo Cristina Riche, muitos servidores que procuram a Ouvidoria têm vergonha de assumir o superendividamento, têm problemas pessoais como consequência e pedem sigilo. Por isso, a universidade vem construindo um trabalho de conscientização dos servido-

res e tentando criar instrumentos para minimizar a questão. O primeiro passo foi dado com o seminário sobre endividamento, realizado em outubro do ano passado. Agora, foi construído um curso com abordagem jurídica específica sobre crédito e com temas de interesse do servidor, como aposentadoria e processo administrativo.

O trabalho da Ouvidoria-Geral — que recebe as demandas dos servidores, dos usuários dos serviços da universidade, da comunidade universitária interna e externa e do público em geral — é possibilitar o máximo de informação, esclarecimento e orientação para o acesso a direitos fundamentais. Ela esclarece dúvidas, encaminha e trata das reclamações e solicitações, assim como recebe os elogios. Além da questão do superendividamento, existe a procura para esclarecimentos sobre processos administrativos, serviços dos hospitais universitários, da Divisão de Saúde do Trabalhador, etc.

“Nosso trabalho é multidisciplinar, e vai do direito individual ao difuso”, declara Cristina. Mas a ouvidora, que é advogada, esclarece que a Ouvidoria não substitui as associações, as representações e os sindicatos: “A Ouvidoria é um instrumento de gestão novo. É mais um canal de interlocução que bus-

ca a garantia dos direitos dos cidadãos, que trabalha dentro de uma ótica política e jurídica. E aqui na UFRJ pretendemos trabalhar e construir esta cidadania através de parcerias com OAB, Defensorias Públicas, Procon e até o BB.”

Curso é mais uma etapa

O curso Elementos para a Construção da Cidadania e Serviço Público: Do Consumo à Inatividade é voltado para a capacitação e a discussão de temas envolvendo questões jurídicas relevantes na socie-

dade contemporânea e, em especial, relacionadas à realidade dos servidores da UFRJ.

Segundo a ouvidora-geral Cristina Riche, ele é mais uma etapa no trabalho da Ouvidoria que tem como objetivo transformar os alunos em multiplicadores.

O curso visa ao enfrentamento de temas jurídicos próprios do dia a dia da sociedade brasileira — como a questão do acesso ao crédito e superendividamento. Terá também uma abordagem jurídica específica de temas do interesse

do servidor público federal, como aposentadoria, pensão e processo administrativo e/ou criminal do funcionalismo.

A promoção é da Ouvidoria-Geral em parceria com a Defensoria Pública da União e apoio da Pró-Reitoria de Pessoal (PR-4). As aulas, de 11 de agosto a 20 de outubro, serão às terças-feiras, das 14h às 16h, na Praia Vermelha. O limite de inscrição é de 50 participantes e pode ser feita diretamente na Codep/PR-4, no 8º andar da Reitoria.

Foto: Cícero Rabello



CRISTINA RICHE defende a conscientização do servidor para reduzir o endividamento pessoal

REIVINDICAÇÕES

Garagem do Museu faz serviço de primeira

Apesar da dedicação, motoristas reivindicam reavaliação das diárias de viagens

Fotos: Cicero Rabello

O chefe da garagem do Museu Nacional, Miguel Ferreira, o Dida, orgulha-se do serviço prestado por sua equipe à UFRJ. Com apenas seis motoristas e nove carros, a garagem do Museu atende a praticamente toda a universidade. Mas tamanha presteza não se traduz em reconhecimento, reclamam os trabalhadores. Segundo eles, que realizam muitas viagens para trabalhos de campo, o valor pago de diárias não compensa.

“Nós somos muito solicitados. Costumamos emprestar nossos carros e prestar serviços (quando é possível) a outras unidades. Fizemos isso para o Instituto de Química, por exemplo. Até para o SINTUFRJ já emprestamos carro. Esta é a demonstração de um serviço organizado e eficaz. Costumo dizer que somos uma minigaragem da universidade. No entanto, este desempenho e esta dedicação passam ao largo quando temos que ser pagos pelas viagens que fazemos por conta das pesquisas acadêmicas. As diárias não cobrem nossos gastos e somos descontados no auxílio-alimentação e transporte. Acabamos pagando para trabalhar”, declara Miguel.

Esta é a reclamação do chefe e dos motoristas da garagem do museu. Os profissionais dizem que não compensa o desgaste de horas de viagem, alojamentos precários e a distância da família. Neste mês houve um reajuste nas diárias — a tabela é oficial — depois de muitos anos sem sofrer alterações. Mas os motoristas afirmam que ainda é pouco. A reivindicação abre uma discussão em relação ao cumprimento das “normas” e leis ditadas por Brasília na universidade.

“Se a universidade tem autonomia, por que não podemos debater o assunto? Geralmente quando se fala sobre a questão, nós, trabalhadores, nunca somos consultados. Queremos levantar este debate e reivindicar espaço para opinar, sugerir e questionar”, declara Miguel. Segundo ele, que está há dois anos na chefia da garagem, não existe crítica dos motoristas em relação à direção e administração do Museu Nacional. A reivindicação é voltada para a Administração Central, que tem na Pró-Reitoria de Patrimônio e Finanças e na Superintendência Geral de Administração e Finanças os executores das normas.

Viagem sacrificada

Um exemplo das dificuldades enfrentadas pelos motoristas é a viagem para a cidade de Santa Teresa, no Espírito Santo, onde fica um polo de pesquisa da UFRJ. São cerca de 11 horas de viagem e 600 quilômetros de estrada. O polo fica num bairro chamado Fundão, e para chegar lá é preciso subir uma serra com 28 quilômetros. Segundo Miguel, existe um alojamento da UFRJ, mas é precário e não há condições para o descanso necessário dos motoristas. Às vezes eles ficam até 15 dias e nesse meio, tempo descem e sobem a serra para transportar material e realizar o trabalho de apoio.

“É no meio do mato. E dependendo do número de habitantes da cidade, paga-se menos ainda. Para Santa Teresa percorri 600 quilômetros para ganhar R\$ 40,00, sendo que a diária do hotel era de R\$ 48,00. Não havia condição de se dormir no alojamento, pois os estudantes ficavam acordados até tarde. Fiquei então no hotel, paguei do meu bolso, e tinha que subir e descer a pirambeira todos os dias. Chegando ao Fundão ainda percorremos seis quilômetros para dentro do mato. Não tem onde comprar nada! É uma loucura e não compensa. Mas somos profissionais e temos compromisso com o trabalho e a universidade. Mesmo com as dificuldades, cumprimos nosso papel com dedicação e competência. Só que os motoristas estão sem condições de trabalho e é preciso este olhar da universidade!”, desabafa Miguel.

O testemunho de Miguel é ratificado pelo motorista Ronaldo Caetano. “A diária é uma miséria. Para a capital era de R\$ 108,00 e para o interior R\$ 86,00. Fiquei 10 dias no interior e o dinheiro não deu. Agora houve reajuste: passou para R\$ 260,00 e R\$ 177,00. Deu uma melhorada, no entanto, ainda não compensa. A gente fica longe da família e passa uns perrengues! Só que o trabalho com os pesquisadores tem que ser feito e a gente acaba se sacrificando. Só quem conhece Santa Teresa sabe.”

Ronaldo fala também das multas e dos problemas decorrentes do trânsito. “Se estamos errados sai do nosso bolso. Temos um colega que bateu com a viatura e a pessoa processou a UFRJ, que vai pagar e cobrar dele. Mas só bate quem dirige. Acidentes



MOTORISTAS DO MUSEU querem ser ouvidos pela Administração Central da UFRJ

acontecem com qualquer um.”

Decreto reajusta diárias

O *Diário Oficial da União* de 22 de julho publicou o decreto que estabelece critérios para o pagamento de diárias de viagens de ministros. A iniciativa foi para controlar a farra com os cartões corporativos e as viagens dos altos escalões do governo. Nesta leva o governo resolveu reajustar as diárias pagas aos servidores da administração pública federal e militares.

O pagamento das diárias nas universidades federais é determinado pelas Normas de Execução Orçamentária e Financeira do MEC, onde consta o desconto do auxílio-alimentação e do auxílio-transporte. A exceção do desconto só ocorre para as diárias pagas eventualmente em fins de semana e feriados.



DIDA, como os colegas, tem orgulho do trabalho que faz

Divisão de Transportes

ASG-6 nomeou Carlos Novaes novo diretor da Divisão de Transportes e a resposta dos trabalhadores foi a criação de uma comissão política formada por: Vander Araújo, Paulo Gilson, Ubiraci, Daniel e Carlos para organizar a luta por melhores condições de trabalho. A palavra de ordem é: “Um novo olhar para a Divisão de Transporte”.

Os trabalhadores da Divisão reivindicam gestão democrática, integração entre a equipe de trabalho, participação e contribuição de todos e valorização e respeito aos profissionais.

TREM-BALA

A UFRJ reclamou, o traçado do trem-bala mudou

O anúncio da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) de que lançaria uma consulta pública sobre o projeto do trem de alta velocidade (TAV) ligando Rio, São Paulo e Campinas e que atravessaria a Cidade Universitária, sem qualquer consulta à UFRJ, caiu como uma bomba na comunidade universitária. Principalmente para quem se dedica à construção do novo Plano Diretor, que prevê ampliação da rede de transportes e uma série de novas construções para a expansão acadêmica que o traçado do trem poderia inviabilizar.

As reações foram rápidas e de-

ram resultado. O Conselho Universitário aprovou no dia 6 de agosto moção de repúdio no que considerou um ataque à autonomia universitária. O reitor Aloísio Teixeira em artigo no jornal *O Globo* do dia 18 reafirmou as críticas:

“A surpresa se deve ao fato de que um projeto de tal magnitude, com custos elevados e grandes impactos sobre as áreas direta e indiretamente afetadas, do ponto de vista ambiental, econômico e social, seja colocado em discussão com um prazo tão curto (24 de julho a 17 de agosto), informações insuficientes e sem que instituições, grupos sociais, comunidades e demais

agentes públicos e privados interessados tenham possibilidade de tomar adequado conhecimento da questão. Ainda mais surpreendente é saber que o traçado pretendido atravessa a Cidade Universitária da UFRJ, território onde se exerce a autonomia universitária assegurada pela Constituição Federal (...)”, diz o artigo do reitor.

No dia 19 de agosto, os jornais noticiaram a mudança em relação ao uso do espaço físico da Cidade Universitária. O traçado do veículo será subterrâneo em áreas urbanas, segundo o diretor-geral da ANTT, Bernardo Figueiredo.

INCLUSÃO DIGITAL

Na orla tem, mas e no Fundão?



LUÍS FELIPE, um dos coordenadores técnicos do projeto

Desde o fim de junho os que frequentam a orla de Ipanema e Leblon contam com acesso gratuito à internet em banda larga sem fio (wi-fi). É o novo trecho do projeto Orla Digital do governo do Estado que começou em 2008 em Copacabana. Agora, garantem as autoridades, o Rio é a cidade mais digital do mundo.

A tecnologia é da Coppe – os laboratórios de Redes de Alta Velocidade (Ravel) e de Computação Paralela (LCP) do Programa de Engenharia de Sistemas de Computação desenvolveram os projetos físicos e lógicos. E propiciou a maior área de cobertura da América Latina – os 24 pontos em Copacabana e 20 em Ipanema e Leblon cobrem 8,5 quilômetros de extensão e oferece acesso simultâneo a 3.200 usuários.

Além da orla, moradores das favelas Dona Marta e Cidade de Deus já têm acesso (projetos da PUC). O governo diz que vai levar o projeto à Baixada Fluminense (este a cargo da UFF) e que o Rio terá 100% de cobertura por internet de banda larga gratuita. Segun-

do o governador Sérgio Cabral, o governo já dispõe de recursos da ordem de R\$ 4,5 milhões para levar o serviço para o subúrbio a partir da Avenida Brasil, abrangendo comunidades adjacentes.

Este empreendimento serve de plataforma para outras pesquisas como o projeto do LCP na área de vídeo interativo por demanda, utilizando o ambiente de rede sem fio, como explica o pesquisador Lauro Whately. O sistema será capaz de atender grandes audiências com baixos custos de comunicação, permitindo a disponibilização de conteúdo cultural, educacional e de entretenimento.

E o restante da cidade?

Só que, enquanto isso, comunidades na periferia da universidade e até a própria UFRJ não têm a facilidade do acesso gratuito à banda larga.

Será que a Coppe, que põe seu conhecimento tecnológico a serviço do projeto Orla Digital, que beneficia bairros de classe média alta do Rio (que já têm acesso à banda

larga), não poderia dispor de um projeto para a UFRJ e as comunidades de entorno?

Sim. Já houve projetos de inclusão (que hoje caminham com as próprias pernas nas comunidades de Nova Holanda e Vila do João) e há projetos em curso neste sentido.

Quem conta é um dos coordenadores do projeto Orla Digital, o pesquisador Luís Felipe de Moraes, do Laboratório Ravel: “Inclusão em Copacabana, Ipanema? Por incrível que pareça, há sim. A gente observou isso depois. Muitos usuários eram pessoas de classes menos privilegiadas e que trabalham no comércio”, conta ele, ponderando que a Secretaria contactou o laboratório com finalidade mais voltada para o turismo.

“A gente considera aquela rede um laboratório a céu aberto, como a própria aplicação de vídeo (do LCP)”, diz ele, lembrando que se abrem tantas possibilidades quanto a Internet permite para os que trabalham naquela região.

“Até onde eu sei essa é a maior rede a céu aberto no mundo. Não existe no mundo nenhuma rede pública com essa magnitude. Em Nova York existem redes em torno de algumas avenidas principais, mas uma rede pública colocada pelo Estado com esta extensão é a maior que temos notícia”, diz o pesquisador.

Segundo ele, o paradigma de Copacabana (e agora Ipanema e Leblon) serviu também ao propósito de mostrar viabilidade técnica do projeto de inclusão digital e que pode abrir perspectivas que não existiam, colocando-as disponíveis para a sociedade.

O projeto é financiado pela Secretaria de Estado

de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro com verba da Fundação Carlos Chagas de Apoio à Pesquisa do Estado (Faperj).

E a UFRJ?

A equipe está tentando implantar algo similar no Centro de Tecnologia. Acabaram de instalar no início de agosto equipamentos em teste em frente ao Centro de Tecnologia. A ideia é que se consiga recursos para deixar o equipamento em definitivo lá.

A rede está ligada ao Cisi (Centro de Integração de Serviços de Informática), que reúne as redes sem fio dos programas da Coppe. Só quem tem acesso a uma delas (portanto, cadastro e senha) pode usar a rede externa, que não está aberta ao público em geral ainda.

Mas, segundo Luís Felipe, há propostas em estudo neste sentido na discussão do Plano Diretor da UFRJ: “É imprescindível que haja uma rede desse tipo numa universidade. A gente é bom para fazer isso lá fora. E aqui dentro? Será mais fácil”, comenta, acrescentando: “Quando se pensa na relação custo e benefício, quantas pessoas podem ser beneficiadas? O que isso vai projetar para o futuro?”

Mas, como ele lembra, tem que ser uma decisão institucional. “Se a Reitoria topa, poderíamos fazer um projeto para dar cobertura ao campus nas áreas mais povoadas, como CT, Letras, CCS, Hospital, Alojamento, Vila dos Funcionários. E poderíamos, junto com a universidade, promover para as comunidades carentes a parte educacional, cursos”, empolga-se.

E a comunidade?

Segundo Luís Felipe, a imprensa não noticiou, mas há cerca de cinco anos o Laboratório Ravel levou o acesso a duas comunidades da Maré, ligadas através desta tecnologia à Rede Rio: Vila do João e Nova Holanda, num projeto financiado por uma ONG do Canadá. Hoje o projeto está aos cuidados do Comitê pela Democratização da Informação.

Ele adianta que está em curso um projeto – com base num convênio em negociação com uma empresa fabricante de equipamentos de conectividade – que prevê várias ações: “Uma rede dessas pode oferecer facilidades para a população do entorno do campus. Este é um convênio em que estamos trabalhando e pretendemos assinar logo para começar a fazer alguma coisa”, conta.

Como um dos frutos do convênio, o laboratório já planeja, em conjunto com o professor Roberto Bartholo, do Programa de Engenharia de Produção, um projeto para as comunidades do entorno com viés social, para oferecer cursos, por exemplo.

“Podemos mostrar como a tecnologia pode se voltar para a sociedade e como a sociedade pode se apropriar da tecnologia. Muita gente se esquece que a pesquisa em engenharia é uma área de conhecimento que deve voltar-se para atender à necessidade da sociedade à sua volta”, conclui o coordenador do Ravel.



Globo e Record = Rato comendo rato



Há uma diferença entre o modus operandi da quadrilha GLOBO e o da quadrilha RECORD. Ou, mais precisamente, de Edir, o Macedo. A quadrilha GLOBO reveste-se da sofisticação FIESP/DASLU. Sugere que a rede seja povoada de príncipes, duques, marqueses, condes, viscondes e barões. Tenham, todos, perfeita noção de como se comportar em público, algo assim como bater carteira em uma dimensão impressionante, sem que as vítimas percebam e até sintam-se agradecidas pelo privilégio de poder assistir Xuxa aconselhando e formando as nossas crianças.

Olham para o outro lado quando cometem toda a sorte de crimes que pode um veículo de comunicação, uma rede com seu tamanho, cometer. Todos de terno, gravata, combinação perfeita até a roupa debaixo. Edir, o Macedo, esse não. Tem consciência que existem métodos capazes de fazê-lo chegar a ingênuos e incautos e construiu um império na base do “dá ou desce”.

GLOBO e RECORD servem ao mesmo senhor. As denúncias feitas pelo programa “REPÓRTER RECORD”, edição de domingo 16 de agosto, são todas verdadeiras, inclusive as que dizem respeito às promíscuas relações da REDE GLOBO com setores do Ministério Público de São Paulo. São Paulo! É preciso prestar atenção a esse detalhe. Um país vizinho que fala a mesma língua. E vêm com um exército de tucanos, democratas, mais alguns carregadores de mochilas dos senhores, caso de Roberto Freire, numa tentativa de transformar o Brasil, definitivamente, num estado norte-americano. As denúncias sobre Edir Macedo, requeitadas ou não, são reais.

O programa da RECORD foi certinho, se é que nesse amontoado de bandidos existe alguma coisa ou alguém certinho — a não ser na bandidagem —, até a entrevista de Edir, o Macedo. A explicação do “bispo” sobre o vídeo em que aparece orientando seus pastores a tomar dinheiro dos fiéis é inacreditável em termos de cara de pau. A figura em questão dizia aos pastores que quem quiser doar bem, quem não quiser amém, só que de um jeito

bem ao estilo Beira-Mar. “Ou dá, ou desce”. “Cândido”, “vítima”, “salvador de almas”, explicou quem dá sobre no mundo espiritual e quem não dá desce no mundo espiritual. Putz! É uma sem vergonhice próxima do absoluto.

Creio que nos dias seguintes deverão entrar em cena os representantes dos senhores de tudo e todos — ou quase todos — para explicar que essa briga não interessa a eles donos dos “negócios” e é preciso acabar antes que os danos sejam irreversíveis.

A cara de pau de Edir, o Macedo, quando falou de “fé emocional”, sugerindo que a fé que vende seja racional, em crítica direta ao padre Marcelo Rossi, beira a perfeição. Foi assim como um piparote para quem entende que pinga é letra. Marcelo Rossi é a resposta da Igreja Católica, dos setores mais atrasados dessa Igreja (controlam Roma desde a ascensão de João Paulo II) ao avanço neopentecostal às suas fileiras. Não há diferenças entre o “bispo” e o padre, só de estilo.

E a ameaça de Macedo. Levam sua igreja aos muçulmanos. Inserir-se no projeto político de dominação e domesticação dos povos do Islã. Os muçulmanos ocuparam a Espanha por três séculos e quando saíram os monumentos e igrejas cristãos estavam intactos, preservados. Onde as hordas das cruzadas comandadas por papas passaram, no Oriente Médio, a política foi de terra arrasada contra os “impuros”.

Edir, o Macedo, cumpre um papel político. Tanto se insere num contexto geral, dos donos do mundo, como se beneficia disso, gerindo um império de proporções impressionantes.

A GLOBO é a mesma coisa. Cumpre o mesmo papel. Ao longo de sua história construída sobre fraudes e sustentando-se na ditadura militar, serve hoje a Washington e ao modelo econômico neoliberal, logo, a esse modelo político asfixiante e que se constitui, em termos de História, numa fase aguda da exploração do homem pelo homem.

Macedo já está em Miami, base das grandes quadrilhas que operam as mais variadas modalidades criminosas, desde as legalizadas, às chamadas do crime organizado. Joga, esperto que é, com a própria

divisão entre os donos. O lado vaselina, que é o de Barak Obama (o garçom) e o lado areia, do esquema de Bush e outros.

Como donos são donos, eles se entendem e nesse esquema sórdido tanto um quanto outro, GLOBO e Macedo se tornam necessários. Desde, evidente, que não ultrapassem determinados limites e a briga entre ambos não prejudique “os interesses maiores”. Aí, o que for mais fraco dança. Neste momento Macedo joga um jogo arriscado, mas escorado em oito milhões de fiéis, um eleitorado e tanto. Sabe que seu adversário, GLOBO, enfrenta dificuldades, sustenta-se de dinheiro público e o padrão chamado global começa a dar sinais de esgotamento.

A comunicação é fator de extrema importância nos dias de hoje. Você pode pegar um grupo de dentistas, por exemplo, que ao arrepiado da ética vão dizer que Colgate é melhor e previne e evita cáries. Ganham um bom dinheiro para isso. É só um exemplo de um processo mais amplo que transforma o ser humano em rês. Em mero consumidor. Vazio e despido do mínimo espírito crítico diante de si mesmo, logo algo amorfo. Não contesta e admite as formas de escravidão sob as quais vive.

Amplie tudo isso é enxergue o mundo em que automóvel se transforma em anjo da guarda e bancos e grandes empresas, os grandes latifúndios, em templos do capitalismo. O deus mercado.

A GLOBO tem investido contra o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, acusando-o de restringir a “liberdade de imprensa”, ao fechar rádios e tevês como a GLOBO e a RECORD e a criar rádios e tevês comunitárias, ligadas a sindicatos, associações do movimento popular, ou mesmo à iniciativa privada, mas dentro de parâmetros de verdade, ética na informação e tudo o que não existe no Brasil nas “famílias” que controlam o setor.

A reação à RECORD é apenas a reação a um novato que entra de cabeça no meio e afeta os “negócios” até então bem divididos entre redes de tevê, jornais, revistas e rádios. Para melhor ilustrar, Mariel Mariscot era um policial ligado a grupos torturadores à época da ditadura. Corrupto, deixou a

Polícia, transformou-se em estrela de televisão por uns breves momentos e resolveu ser banqueiro de jogo de bicho. Esbarrou nos donos do jogo do bicho. Não queriam concorrência no clube que geriam. Mariscot apareceu morto sem que se apurasse o culpado, ou culpados.

Não é o caso de Macedo, lógico. Tem respaldo no clube frequentado pelos donos.

Mas sabe, ele próprio, que não pode esticar a corda a ponto de arrebentá-la. Como sabe a GLOBO que há também um limite nessa história. Está prevista uma conferência nacional de comunicação para dezembro. A ideia é discutir toda essa realidade e abrir caminhos para a efetiva democratização do setor. Nada de tratar o cidadão como idiota, definição de William Bonner para o telespectador do JORNAL NACIONAL.

Os bandidos sabem disso e já começam um movimento de cerco a essa conferência.

A Fundação Ford, participe de vários golpes de estado na América Latina, se prontifica a ajudar a organização da conferência. Esse ajudar aí equivale a meter o tacão de ultradireita e manter o controle. Chávez não restringiu liberdade alguma de informação. Chávez colocou o dedo na ferida. O papel que cumprem as grandes redes de tevê e rádio como a GLOBO e a RECORD. É necessário fazer o mesmo por aqui. Do contrário grandes complexos de comunicação irão se constituir, sempre, em fator de controle e alienação, como hoje GLOBO e RECORD. Ou como VEJA, FOLHA DE SÃO PAULO, todo o espectro da informação em nosso País.

É preciso explicar, apurar cada centavo de dinheiro público dado à GLOBO, desde sua fundação, passando pela ditadura militar (da qual foi o principal instrumento de comunicação), aos convênios que geram programas educativos às cinco da manhã (para ninguém), aos socorros ilegais dados pelo BNDES em momentos de situação falimentar. Às ligações com os grupos que governam São Paulo. E começam em Mário Covas, passam por Geraldo Alckimin e chegam a José Serra.

O próprio governo federal, vítima constante de chantagens da rede. Como no episódio do falso dossiê nas vésperas das eleições de

2006. A GLOBO deixou de lado a queda do avião da GOL para cumprir seu papel dentro do esquema FIESP/DASLU. Notórios criminosos. Como é necessária uma ampla discussão sobre o papel das redes de tevê e rádio no País. São concessões de serviço público e têm regras básicas definidas, ainda que falte legislação específica, como existe em países outros. Na Grã-Bretanha, na matriz, os EUA. Bem mais que isso. Ação do governo federal para coibir e redesenhar o setor, privilegiando a comunicação voltada para processos de formação e conscientização do brasileiro. Não o atual, de alienação e mentiras a serviço dos piores criminosos que se possa imaginar. Sejam eles os irmãos Marinho, seja ele um pilantra do “dá ou desce” como Edir Macedo. E todos os outros.

Do contrário vamos continuar assistindo ao filho de Renan Calheiros ganhando concessões de rádio. A José Sarney dono das afiliadas da GLOBO no seu feudo. A família de ACM na Bahia. A Collor de Mello em Alagoas. A tucanos/democratas no sul do País. E a todas essas armações para transformar Brasil e brasileiros em terra de ninguém e num monte de “ninguéns”. Mas todos ávidos consumidores de coca-cola, sanduíches da rede McDonalds, transgênicos da Monsanto, remédios dos laboratórios que montam pandemias como a gripe suína para auferir lucros fantásticos. E Colgate para os dentes brilharem até na hora que o distinto ou distinta estiver espirrando com sinais de gripe suína.

É isso o que querem, é esse o papel que cumprem. O caráter “religioso” da rede de Macedo não difere do da GLOBO. É a religião do consumo. Das legiões de zumbis. Uns fascinados com o “bispo” do “dá ou desce”, outros com os heróis de Pedro Bial no bordel em casa, o BBB. São iguais, rato comendo rato.

Texto publicado na Voz do Brasil, um boletim que discute questões polêmicas na sociedade, no Estado e na cultura brasileira.